

33ª Reunião Brasileira de Antropologia  
Defender direitos e fazer antropologia em tempos extremos  
UFPR – 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

**“Vamos rezar para que chegue ao final do ano completo”: notas sobre movimentos de morte e vida na Festa de Nossa Senhora do Rosário do Quilombo de Pinhões\*<sup>1</sup>**

Lúnia Costa Dias (PPGAS/UFSC)\*\*

**Resumo**

A frase entre aspas que dá abertura ao título desta proposta de comunicação, foi proferida por uma amiga, interlocutora de pesquisa, quilombola de Pinhões (Santa Luzia/MG), em conversa por telefone em 2020, quando do falecimento de seu tio – ancião mais antigo do Quilombo. Ela se remetia à completude das famílias lamentando as perdas insistentes. Não tardou muito, alguns meses adiante, o anúncio do falecimento de um "compadre" de seu tio e no ano seguinte seu pai, "dançante mais antigo da Guarda de Catopé da Irmandade de N. Senhora do Rosário de Pinhões". Escuto da filha do compadre, também em conversa telefônica, que "os dois estão juntos rindo até lá da situação aqui embaixo, falando do padre e vendo o modo da festa. Este ano não vai ter festa, vai ser diferente". Noutra conversa, agora em 2021, também em circunstância de um falecimento, novamente a "festa" e "as risadas" alinhavam encontros entre os que se foram: "agora ela tá lá, juntinha com Doralice, rindo até, cuidando da coroa da promessa, que era função de Doralice né?" É sabido que a pandemia da covid-19 alargou vertiginosamente as desigualdades e acelerou a marcha dos arranjos racistas que sustentam o capitalismo e suas alianças com o Estado e, conseqüentemente com as políticas públicas (GOMES, 2020). Em 2020 a "festa aconteceu diferente", teve reza do terço em grupos pequenos, a novena foi transmitida online, teve carreta com a imagem de N. S. R. e "a guarda de catopé dançou na igreja com poucas pessoas, nem foi divulgado". Mas não se pode dizer que teve festa, "os festeiros não tiveram oportunidade, então ano que vem são eles de novo". Pretendemos, nesta comunicação, a partir de uma revisita às conversas telefônicas (2020, 2021) e de algumas visitas presenciais pontuais (2021, 2022) realizar um primeiro exercício de aproximação dos modos como a festa de N.S.R. de Pinhões, mobiliza encontros e afetos entre arranjos de morte e vida, almejando assim a produção de registros e alguma compreensão das propulsões criativas e de resiliência constitutivas das festas no Quilombo evocadas na condição da pandemia de covid-19.

---

\*Trabalho apresentado no GT 22 – Festas na pandemia de COVID-19, coordenado por Hugo Menezes Neto (UFPE) e Luciana Chianca (UFPI), na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto e 03 de setembro de 2022.

<sup>1</sup>Pensar e experimentar movimentos de morte e vida nas Festas de Nossa Senhora do Rosário foi uma intensão lançada em 2021 a partir do encontro e interlocução com outras três pesquisadoras aqui de Minas Gerais as quais peço licença para citar seus nomes aqui: Ana Luzia da Silva Morais (PGHis/UFES - 2022), Bárbara Regina Altivo (PPGCOM/UFMG – 2019) e Yara de Cássia Alves (PPGAS/USP – 2022).

\*\* Doutoranda em Antropologia Social pelo PPGAS/UFSC com orientação da professora Drª Vânia Z. Cardoso. Contato: [lunia.dias@gmail.com](mailto:lunia.dias@gmail.com)

**Palavras-chave:** Festa; Pandemia Covid 19; Quilombo

## **Introdução**

*Viva, viva, viva!  
Porque todas as vidas importam!  
Nego Bispo<sup>2</sup>*

A pandemia de covid-19 alargou vertiginosamente as desigualdades. “Este vírus tem que passar, tem que acabar, porque não vamos conseguir vencer as desigualdades mais rápido do que a contaminação do vírus”. Me disse Domingas, amiga, moradora do Quilombo de Vila Juazeiro na Bahia, ainda no mês de maio de 2020. Conduzida por Domingas, rezamos pelo Whatsapp, na intenção de dissipar o vírus e acolher as vidas, proteger aquelas que, por motivos diversos (perversos e estruturais), são vulnerabilizadas.

Segundo o relatório, “A questão racial e o novo corona vírus”<sup>3</sup>, de autoria da professora Nilma Lino Gomes, a taxa de letalidade do vírus tem maior incidência dentre a população negra (pretos e pardos) e esta “não é uma simples coincidência”. “É fruto de uma perversidade histórica ativamente produzida” nos arranjos do neoliberalismo sobre as bases racistas que sustentam o capitalismo e sua aliança com o Estado e, consequentemente com as políticas públicas. “O congelamento dos gastos públicos em saúde, educação e assistência contidos na Emenda Constitucional 95/16 é um exemplo de como essa perversidade faz parte da atual política de Estado e se realiza por meio da necropolítica” (GOMES, 2020, p. 2 e 3). Ainda segundo o relatório, é importante ressaltar que:

[...] as doenças não são entidades democráticas [MARTINS, 2020].  
Diante da pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS2 –

---

<sup>2</sup> Saudação e evocação proferida por Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo, intelectual quilombola, como abertura de sua fala no Seminário Metafísicas na Rede, do Programa de Pós-Graduação em Metafísica da UnB, em 5 de agosto de 2020, chamada ‘Cosmopolítica e Cosmofobia’. Na ocasião Nego Bispo estabeleceu diálogo com Márcio Goldman, também convidado para exposição. Disponível no link: [https://www.youtube.com/watch?v=|BlhkKzzHmo&ab\\_channel=PPG%CE%BCUnB](https://www.youtube.com/watch?v=|BlhkKzzHmo&ab_channel=PPG%CE%BCUnB)

<sup>3</sup> Disponível em: <https://brasil.fes.de/detalhe/a-questao-racial-e-o-novo-coronavirus-no-brasil>

CoV2), a população negra, em sua diversidade, também é considerada como grupo de risco obviamente com gradações internas, variando tanto por comorbidades que atingem negras e negros em maior número, caso da hipertensão e do diabetes e, principalmente, da anemia falciforme, ou mesmo pela letalidade social, motivada por questões históricas, políticas e sociais estruturantes de nossa sociedade. (GOMES, 2020, p. 4)

Do *Quilombo de Pinhões*<sup>4</sup>, ao menos doze falecimentos me chegaram como notícia pelo Whatsapp, ao longo de 2020 e 2021. Nenhum deles, ao que se informa, provocados diretamente pelo novo corona vírus. Em que se pese a escassa política de testagem adotada no país. Segundo boletim epidemiológico do município de Santa Luzia – Minas Gerais, onde está localizado o *Quilombo de Pinhões*, emitido em novembro de 2020, foram registrados 14 casos de COVID-19 no Quilombo<sup>5</sup>. O boletim apresenta também uma maior taxa de óbito por covid entre as pessoas com quadros de diabetes e hipertensão. Como exposto na citação acima, comorbidades que aparecem em maior número entre a população negra. Ocorrências de falta d'água no *Quilombo* também foram vastamente denunciadas nas redes sociais e na imprensa local, culminando em uma ação civil pública<sup>6</sup> contra a Prefeitura de Santa Luzia e a Companhia de Saneamento de Minas Gerais – COPASA, somando aos arranjos perversos de vulnerabilidade em meio à pandemia.

As pessoas que faleceram no *Quilombo de Pinhões*, são avós, avôs, mães, tias, tios, primos, tem nome, e estão inseridos em toda uma gama de relações. Compõem

---

<sup>4</sup> Os termos em itálico dizem respeito a terminologias locais e categorias êmicas. Utilizaremos o itálico também para enunciações proferidas pelas(os) interlocutores. Identifiquei variações nos termos de nomeação, escutando e lendo os seguintes termos *Comunidade Quilombola de Pinhões*, *Quilombo de Pinhões* e *Pinhões Quilombola*. Para não incorrer no risco de utilizar de maneira demasiadamente equivocada os princípios de diferenciação que possivelmente guiem essa variação de termos optamos por utilizar ao longo deste texto o termo *Quilombo de Pinhões*.

<sup>5</sup> A Prefeitura de Santa Luzia emitiu boletins semanais com informativos sobre a pandemia, número de casos, óbitos, monitoramento e condição de assistência do sistema público de saúde. Dada a proximidade do município da capital do estado, muitos dos atendimentos e testagens são realizados em Belo Horizonte, para onde historicamente os casos de enfermidades que necessitam de internação em leitos de UTI/CTI são encaminhados. Este boletim emitido em novembro reúne os dados do ano de 2020 apresentando os números de caso informados por bairro - a prefeitura classifica o *Quilombo de Pinhões* como bairro.

<sup>6</sup> <http://observatorioluziense.com.br/ministerio-publico-processa-copasa-e-prefeitura-por-descaso-no-saneamento-basico-em-pinhoes/> Último acesso em Janeiro 2020. Na reportagem disponível no link é possível observar novamente as tensões em torno da classificação de Pinhões como bairro, bem como os arranjos da categorização como zona urbana. A reportagem inicia-se com uma foto na qual é possível observar os arranjos e desenhos de localização do *Quilombo*.

*famílias*. São membros das *famílias raízes*. Grande parte dos falecidos(as) participaram da produção do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo”<sup>7</sup>, são anciões e anciãs reconhecidos como pessoas repletas de sabedoria, conhecedoras das histórias do Quilombo. Deixaram *um bom exemplo*, e netos que *parece[m] demais com ele[s]*. São ‘ancestrais’. No sentido afirmado por Leda Martins, “ancestral não é aquele que morre, é o que permanece, como acúmulo de conhecimento, experiência e natureza”. “Ser lembrado é participar”<sup>8</sup>. Seguiremos na composição deste texto, então, no sentido da fala de Nego Bispo na abertura deste texto, evocada para ressaltar a vida, chamando três vezes. Uma insistência, teimosia, “pra contrariar o colonialismo”<sup>9</sup>.

### ***Nossa senhora gosta é de alegria***<sup>10</sup>

Foi uma das primeiras falas que escutei quando cheguei em meio a muita chuva no *Quilombo de Pinhões*, em outubro de 2021, para acompanhar *a festa, feita assim de última hora, mas feita*. Havia recém trocado de pároco e não houve tempo hábil para

---

<sup>7</sup> Livro produzido em 2018 pela Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões com financiamento da CEMIG via Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais, do qual participei da elaboração/escrita do projeto e fiz a coordenação e assistência de pesquisa e documentação. O produto final do projeto foi a um livro de autoria coletiva, intitulado “Pinhões: Histórias e Sabedorias do Quilombo”.

<sup>8</sup> Trechos transcritos da palestra proferida pela Professora Doutora Leda Maria Martins (UFMG), nomeada “Tempo em performance”, promovida como atividade de encerramento das aulas do segundo semestre 2020, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências – Professor Milton Santos da UFBA. Disponível no link: [https://www.youtube.com/watch?v=ShvhGTCYzw8&ab\\_channel=IHAC-InstitutodeHumanidades%2CArteseCi%C3%A4ncias](https://www.youtube.com/watch?v=ShvhGTCYzw8&ab_channel=IHAC-InstitutodeHumanidades%2CArteseCi%C3%A4ncias). Último acesso Dezembro 2020.

<sup>9</sup> “Eu aprendi, adestrando bois que adestrar e colonizar é a mesma coisa. O adestrador e o colonizador, eles começam por desterritorializar o ente atacado, por quebrar a identidade colocando-lhe um outro nome, tirando-os da sua cosmologia ou dos seus sagrados e impondo novos hábitos, novos modos. Bom, esse processo de denominação é uma tentativa de apagar uma memória e compor outra. Pois bem, eu, por dominar essa técnica, percebi que para enfrentar a sociedade colonialista nós precisamos transformar as suas armas em nossas defesas [...]. Então, pra transformar a arte de denominar em nossas defesas nós resolvemos denominar também. [...] A partir daí nós fomos colocar também denominações nos modos e nas falas pra CONTRARIAR o colonialismo. Então, para o desenvolvimento sustentável nós trouxemos a Biointeração, para a coincidência nós trouxemos a confluência. Para o saber científico versus o saber empírico nós trouxemos o saber orgânico versus o saber sintético. Para os transportes nós trouxemos as transfluências [...]. (grifos meus – trecho transcrito da palestra citada na nota de rodapé 1 deste texto).” Nego Bispo, assim, traduz na composição de conceitos as sabedorias “das tradições avós” que assentadas na cosmovisão politeísta se fazem contraconionistas nos modos como estabelecem relações, vivem e pensam o(s) mundo(s). Colonização e contra colonização é como Bispo (2015) conceitua “os processos de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico” (idem, p.20). No exercício de contrariar estão os contracolonialistas.

<sup>10</sup> Fala de uma interlocutora de pesquisa na festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões em outubro de 2021.

organizar e alinhar, com o mesmo, os arranjos da Festa. Com a luta pela vacinação prioritária nos Quilombos empreendida nacionalmente pela CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos, o *Quilombo de Pinhões* já estava quase em sua totalidade vacinado com duas doses, situação que permitia a realização de parte das atividades da Festa. Com apenas uma dose de vacina fui uma das únicas pessoas não moradora do Quilombo a participar, fazendo uso, assim, de máscara de proteção N95 durante todo o dia. A bandeira foi levantada dias antes do que é de costume<sup>11</sup>, *o pároco não sabia dos modos da festa, mas foi bom porque nesse dia foi possível conversar com ele pessoalmente e conseguir a liberação para de fato fazer a festa*. Em três dias a comunidade se juntou e somou a comissão de festa para executar de algum modo a Festa que não foi possível acontecer em 2020. *Esse ano eles vão ser festeiro novamente, porque não é justo né, eles não tiveram a oportunidade de fazer a festa em 2020, então precisa ser eles novamente*. Me contou por telefone uma amiga e interlocutora de pesquisa ao me fazer o convite para participar junto da Festa em 2021.

A corte foi montada. A Guarda de Catopê foi buscar o rei e a rainha em sua casa. *Parece que a chuva diminuiu só pra buscar eles menina. Nossa Senhora tá mesmo alegre que estamos fazendo a festa dela. Com bastante foguete e alegria. Ela gosta é disso. De alegria de ver a gente junto. Ano passado passamos rezando cada um em suas casas, cuidando das famílias pra não aglomerar né. Neste ano não podíamos perder a oportunidade de estar reunidos. Choveu bastante. Se foi assim que ela quis né? Bom que vai lavando tudo né...abrindo um novo tempo*.

Em 2020 não teve festa. A novena aconteceu com transmissão online pelo canal do facebook criado pelo festeiro. Um grupo de mulheres foi até a Igreja todos os dias rezar o terço (em 2020 e 2021). Aconteceram homenagens a Santa Cruz no mês de maio realizada por dois grupos de mulheres, cada qual ao seu modo e em seu momento. Uma ideia revelou a importância do movimento, do caminho. Do percorrer de Nossa Senhora do Rosário nas ruas do Quilombo. Foi feita a primeira carreata de Nossa Senhora do Rosário. Os moradores enfeitaram suas casas e ficaram da porta saudando. A carreata, em

---

<sup>11</sup> O clímax da festa se realiza em 3 dias abrindo com o hasteamento da bandeira no sábado e encerrando com a dança da Marimba executada pela Guarda de Catopê na segunda-feira. O domingo é o dia com maior presença de público externo com a montagem da corte – rei e rainha do ano, rei e rainha perpétuos – com presença do Catopê; pagamento de promessas, barraquinhas, leilão, missa pela manhã para acolhida da corte e a noite para acolhida de Nossa Senhora do Rosário e anúncio dos novos reis e rainhas do ano.

2020, foi transmitida ao vivo nas redes sociais. Agora a ação foi incorporada na Festa. Em 2021 tive a honra de levar no carro a Rainha perpetua, uma confluência que indicou para a rainha como sou amiga de Nossa Senhora do Rosário, *você tá levando a Rainha perpetua, você é mesmo amiga de Nossa Senhora do Rosário.*

No ano de 2020 a Guarda de Catopê se reuniu na data que seria a segunda-feira da festa, o dia da *despedida*. O adro da Igreja estava enfeitado com bandeirolas azuis e brancas, como pude ver na fotos e vídeos que recebi por whats app e visualizei nas redes sociais. Mesmo sem missa o Catopê reverenciou Nossa Senhora do Rosário em seu altar, cantou e dançou dentro e ao redor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi ao cemitério, como de costume e fez suas saudações aos muitos que se foram nestes tempos tão duros.



Fonte: Print da página de facebook “Rosário Pinhões”. Link para acesso:

<https://www.facebook.com/rosario.pinhoes.7>

“É de arrepiar quando chega o dia da festa e agente ouve de longe eles cantando ... Os anjos do céu estão cantando que VIVA QUE VIVA MARIA !!! E de arrepiar sim e maravilhoso ver a fé , carinho , respeito que cada um tem com NOSSA SENHORA E MUITO LINDO , O NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO...” (trecho postagem facebook – Rosário Pinhões, 2020) <https://www.facebook.com/rosario.pinhoes.7>

Sem poder ofertar o almoço em Ação de Graças à Nossa Senhora do Rosário, em 2021 os festeiros ofertaram um grande café da manhã feito com muita colaboração. A Guarda de Catopê agraciou e agradeceu a oferta. Encheu nossa Senhora e os Quilombolas de alegria. Foi em tons de alegria também que escutei os lamentos dos familiares por aqueles que se foram. Que não estão mais aqui. Mas que de lá seguem acompanhando a Festa.

***Nossa Senhora passa na frente e abençoa esta família***<sup>12</sup>

De algum modo a festa encontra a morte. Rasgando espaços e tempos. Suprimindo aquilo que poderia ser tomado como remoto. Foram muitas as mortes no *Quilombo de Pinhões* ao longo de 2020 e 2021. Dói. Para mim a experiência da morte dói. Sobretudo quando se vive a morte ‘remotamente’, sem poder acompanhar os momentos e eventos de despedida, estar nos velórios. Um luto que se arrasta. Chama à constelação presenças visíveis e invisíveis e me faz atenta às conversas por telefone com as amigas quilombolas que viveram a morte de seus parentes. Em todas estas conversas a Festa de Nossa Senhora do Rosário se fez presente, conformando um espaço-tempo de alegria recheado de risos, risos que incluem a zombaria da condição de quem ‘aqui’ permanece: “*a gente já fez essa brincadeira, os dois juntos lá perto de Nossa Senhora do Rosário, rindo da gente aqui e falando do padre*”; *Com certeza que ela tá lá já junto com Doralice, rindo das confusões e cuidando dos reis de promessa, porque Doralice é quem sempre cuidou disso né?*”.

A frase entre aspas que dá título a este breve texto, foi proferida por uma amiga, interlocutora de pesquisa, quilombola de Pinhões (Santa Luzia/MG), em conversa por telefone em 2020, quando do falecimento de seu tio – ancião mais antigo do Quilombo. Ela se remetia à completude das famílias lamentando as perdas insistentes. Não tardou muito, alguns meses adiante, o anúncio do falecimento de um "compadre" de seu tio e no

---

<sup>12</sup> Intensão proferida pela rezadeira na visita da Imagem de Nossa Senhora do Rosário Peregrina nas casas do Quilombo de Pinhões em Julho de 2022. A visita de Nossa Senhora às casas do Quilombo e das comunidades vizinhas faz parte do Ciclo do Rosário que compõe a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. Inicia-se logo após a festa de Santa Cruz em maio e se estende até o mês de agosto, aproximadamente – o Quilombo de Pinhões conta com aproximadamente 3 mil pessoas, grande parte professante da fé católica, ou mesmo que não atuantes ou engajados nas atividades da Igreja, muitos moradores abrem suas casas para receber a visita de Nossa Senhora do Rosário e *rezar o terço em família*. Nos anos de 2020 e 2021 esta atividade ficou suspensa devido a pandemia. Formaram um grupo de whats app para conduzir a reza do terço cada um de suas casas.

ano seguinte seu pai, "dançante mais antigo da Guarda de Catopé da Irmandade de N. Senhora do Rosário de Pinhões". Escuto da filha do compadre, também em conversa telefônica, que "os dois estão juntos rindo até lá da situação aqui embaixo, falando do padre e vendo o modo da festa. Este ano não vai ter festa, vai ser diferente". Noutra conversa, agora em 2021, também em circunstância de um falecimento, novamente a "festa" e "as risadas" alinhavam encontros entre os que se foram: "agora ela tá lá, juntinha com Doralice, rindo até, cuidando da coroa da promessa, que era função de Doralice né?"

Em 2020 a "festa aconteceu diferente", teve reza do terço em grupos pequenos, a novena foi transmitida online, teve carreata com a imagem de N. S. R. e "a guarda de catopé dançou na igreja com poucas pessoas, nem foi divulgado". Mas não se pode dizer que teve festa, "os festeiros não tiveram oportunidade, então ano que vem são eles de novo". A Festa de N.S.R. de Pinhões, mobiliza encontros e afetos entre arranjos de morte, fazendo vida, louvando a vida eterna daqueles que também juntos participam da Festa, lá em outro lado, o lado de lá. Riem dos que aqui estão. Como Corrêa e Corrêa nos apontam (2021) os que fazem o reino de Nossa Senhora o fazem desde há muito em solo de vulnerabilidades, o fazem em teimosia, uma teimosia bonita de fé e alegria por tempos melhores. O fazem sob propulsões criativas e de resiliência constitutivas das festas, do *estar junto e reunido*, alegre assim, como Nossa Senhora gosta. Propulsões alimentadas e evocadas mesmo, ou melhor dizendo, primordialmente, no Quilombo na condição da pandemia de covid-19.

Para seguir em reza e fomentando vida, cuidado e família, e como faz a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, em/com alegria; retomo as palavras da amiga e interlocutora *do Quilombo de Pinhões*, que dão título a este texto e que vão ao encontro das palavras proferidas por Domingas do Quilombo de Vila Juazeiro, já citadas na abertura desta comunicação: *vamos rezar para que chegue ao final do ano todo mundo completo, cuidado. Rezar para que isso passe sem alcançar nossa família.*

## **REFERÊNCIAS**

ALTIVO, Bárbara Regina. "Espiraís de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho." (Oliveira-MG). Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - PPGCOM/UFMG. Belo Horizonte, 2019.



ALVES, Yara de Cássia. “Recomposições do passado: memórias e histórias da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Prestos em Minas Novas – MG”. Revista em Sociedade – Dossiê Religião e Raça, Rio de Janeiro, 41 (3): 127-144, 2021.

BRANDÃO, Carlos R. **A festa do santo preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

CORRÊA, Joana Ramalho Ortigão. “‘No Rosário tem cuenda’ – Vida e morte nos Reinados em Minas Gerais”. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio Janeiro, 2018.

CORRÊA, Joana Ortigão & CORRÊA, Juliana Garcia. “No palácio da rainha: os ritos do congado mineiro em tempos de isolamento social.” In: CAVALCANTI & GONÇALVES (org.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. – Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dados eletrônicos – (Sério Livros Digital, 23), 2021.

DIAS, Lúnia Costa Dias. “Ser Quilombola e Ser de Pinhões: dinâmicas e experiências de produção do lugar.” Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAN/UFMG). Belo Horizonte, UFMG, 2015.

GOMES, Nilma Lino. “A questão racial e o novo corona vírus no Brasil”. FRIEDRICH-EBERT-STIFTUNG – Trabalho e Justiça Social/FES-Brasil, São Paulo, SP, junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.fes.de/detalhe/a-questao-racial-e-o-novo-coronavirus-no-brasil>. (Acessado em agosto 2022)

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Publicação do Encontro de Saberes na Universidade de Brasília, pelo INCT, Brasília, 2015.

SILVA, Rubens Alves da. **Negros católicos ou Catolicismo Negro?** Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. (Coleção Repensando África, vol.6). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.